

SALOMON SMOLIANOFF: O REI DOS FALSÁRIOS E ARTISTA ESQUECIDO

Rafael Machado Costa¹

Salomon Smolianoff (1897-1976) é conhecido através de pesquisas internacionais por ter sido o mais habilidoso falsificador europeu da primeira metade do século XX e foi apelidado como “Rei dos Falsários”. Judeu, foi prisioneiro nos campos de concentração nazistas e forçado a chefiar a equipe de falsificadores da Operação Bernhard, em que o governo alemão falsificou libras e dólares para desestabilizar a economia dos Aliados e financiar dívidas. Após a guerra, Smolianoff abandonou a Europa para viver na América do Sul.

As principais fontes de informação até então sobre a vida de Smolianoff são os diários de Adolf Burger (1917-2016), tipógrafo judeu tcheco que também foi obrigado a participar da Operação Bernhard, publicados sob o título *The Devil's Workshop: A Memoir of the Nazi Counterfeiting Operation*. Entretanto Burger só teve contato com Smolianoff no período em que foram prisioneiros no projeto, não tendo acesso a informações a seu respeito referentes aos períodos anteriores e posteriores à operação de falsificação.

Ainda há a pesquisa de Lawrence Malkin no livro *Os Falsários de Hitler* em que o autor se aprofunda nos eventos históricos da operação e tem como principal fonte os relatos de Burger e outros participantes da Operação Bernhard, bem como documentos da operação do governo nazista e das prisões de Smolianoff.

Sobre Smolianoff foi realizado o longa-metragem vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro *Os Falsários (Die Fälscher)*, Alemanha, 2007). Entretanto a imagem criada no filme, bem como a opinião de Malkin sobre Smolianoff, mostram-no como um agiota e malandro boêmio. Devido à falta de fontes, as pesquisas históricas até então realizadas não têm informações sobre sua vida pregressa e posterior à guerra.

A proposta deste trabalho é apresentar novas informações até então não divulgadas sobre Smolianoff levantadas a partir de pesquisa que se iniciou da biografia narrada pelo próprio Smolianoff à sua assistente Magaly Amaral da Costa (1939-2016) e cruzamentos com informações de pesquisas anteriormente realizadas.

Magaly Amaral da Costa foi assistente e discípula de Smolianoff no ateliê de pintura que ele manteve em Porto Alegre, RS, durante a década de 1960, e registrou por escrito as narrativas que Smolianoff lhe contara sobre sua vida. A pesquisa aqui apresentada parte de uma tentativa de resgatar o nome e obra de Salomon Smolianoff que, apesar de ter entrado para os registros históricos como “O Rei dos Falsário”, foi,

¹ Mestre em Artes Visuais com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharel em História da Arte pela UFRGS e Bacharel em Direito pela Universidade Ritter dos Reis.

antes de falsário, um artista cujo estigma de suas atividades envolvendo falsificação o fez ser esquecido pela História da Arte. A metodologia usada foi cruzar as informações presentes no documento de da Costa com as pesquisas de Malkin e outras fontes documentais que pudessem confirmar tais informações, sendo o resultado final publicado na forma do livro *Smolianoff: O Cálice de um Judeu*.

Na edição de 3 de dezembro de 1960 da revista *O Cruzeiro* foi publicada a reportagem de autoria de Tabajara Tajés e Antônio Ronek com o título *O Rei dos Falsários Foge do Passado*. Nela apresentavam uma entrevista com Smolianoff em que revelava que o fabricante de brinquedos residente na Avenida João Pessoa, em Porto Alegre, RS, fora um prisioneiro nos campos de concentração da Alemanha nazista durante a Segunda Guerra mundial e forçado a participar do projeto de falsificação de libras inglesas e dólares do governo alemão. Também contava que Salomon Smolianoff antes fora um pintor e, antes de ter se fixado em Porto Alegre, viveu no Uruguai.² Segundo a narrativa de da Costa, Smolianoff teria concordado e ceder a entrevista, após muita insistência dos repórteres, com intenção de não ser considerado culpado pela produção de dinheiro falso de um falsificador argentino em atividade no período que teria sido atribuída a ele.³

Foi a partir da publicação da entrevista na revista *O Cruzeiro* que da Costa passou a registrar as narrativas contadas por Smolianoff a respeito de sua vida anterior ao seu estabelecimento em Porto Alegre. Segundo tal versão, Smolianoff nasceu em Kremenchuk, na época pertencente ao Império Russo e hoje território da Ucrânia. Por volta de 1933, Smolianoff foi preso por falsificação de dinheiro. Em 1936, foi transferido para o campo de concentração de Mauthausen e, em 1944, levado para ingressar a equipe de falsificadores da Operação Bernhard. Após o fim da guerra e a libertação pelas tropas aliadas, estabeleceu-se temporariamente na Itália, onde casou com Charlotte Cacilie em 1947 e em 1949 mudou-se para o Uruguai a convite de um irmão da esposa lá instalado. Em 1955 instalou-se em Porto Alegre, no Brasil, e passou a viver discretamente como fabricante de brinquedos e pintor.

Tais informações todas vão ao encontro das documentadas por Malkin e as demais pesquisas históricas tendo como objeto a Operação Bernhard, bem como com o perfil construído para Smolianoff por estas narrativas. Entretanto a narrativa de da Costa apresenta uma série de informações inesperadas.

Segundo a versão de da Costa, Smolianoff fora um pintor com formação acadêmica seguidor da tradição impressionista formado pela Academia de Arte de Odessa. Smolianoff teria recebido o Primeiro Prêmio em Pintura da academia por volta de 1918, que lhe rendeu uma viagem de estudos a Petrogrado. Fora ainda discípulo do pintor, filósofo e fisiculturista Ivan Miassojedoff/Eugen Zotow (1881-1953), este filho do pintor realista russo Grigoriy Grigorievich Miassojedoff (1834-1911), com quem abandonou a

² TAJES; RONEK, 1960.

³ COSTA, 2017, p. 162-166.

Rússia após a revolução devido à situação política dos judeus no país, estabelecendo-se na Alemanha e seguindo suas carreiras como pintores. Smolianoff viveu com a família de Miassojedoff na Alemanha, e lá ambos produziram dinheiro falso pela primeira vez em 1923, que, em diferentes momentos, levou à prisão de ambos. Smolianoff narrou que ele e Miassojedoff passaram a frequentar na Alemanha círculos formados por imigrantes judeus russos que levantavam dinheiro para financiar ilegalmente a saída de famílias judias da União Soviética através da contratação de embarcações turcas. Segundo Smolianoff, o projeto de falsificação de dinheiro e documentos realizado por ele e Miassojedoff tinha como objetivo financiar essas retiradas de judeus do território soviético.

A partir dessas informações, nossa pesquisa teve como objetivo reunir suporte documental e bibliográfico que pudesse comprovar ou negar os fatos narrados pelo próprio Smolianoff e da Costa que não haviam sido anteriormente registrados. O primeiro passo foi quanto a pequenas questões de datação. Segundo o túmulo de Smolianoff, localizado no Cemitério Israelita de Porto Alegre, o ano de seu nascimento foi 1897, enquanto a bibliografia histórica costuma apresentar as datas de 1887 e 1899. Entretanto 1897 era a data na qual Smolianoff alegava ter nascido em conversas com amigos em Porto Alegre, bem como foi a que localizamos em seu documento de registro de entrada no Brasil⁴. Já a data de 1899 conseguimos rastrear nos documentos emitidos pela Interpol a respeito de Smolianoff, que indicava que, em um dos documentos falsos usado por ele constavam o nome “Mattheus Werner” e a data de nascimento de 1899. Já a data de 1887 parece ter sido retirada de um cartão de prisioneiro emitido no campo de concentração de Mauthausen, que traz tal data, com um equívoco de uma década, escrita à mão.

Já sua relação com Ivan Miassojedoff é reconhecida pelo próprio Malkin em seu texto, principalmente vinculando-os por ambos terem sido presos por falsificação de dinheiro na Alemanha no mesmo período. Mas Malkin não aborda o fato de ambos serem pintores acadêmicos profissionais nem sugere motivações para que dois artistas com relativo sucesso tenham passado a produzir dinheiro falso, bem como desconhece a versão de que Smolianoff saíra da Rússia rumo à Alemanha na companhia da família de Miassojedoff e que residia com eles.

A partir do levantamento de alguns documentos, parte deles disponibilizados por Malkin e pelo Prof. Eugen Zotow-Ivan Miassojedoff-Stiftunga de Liechtenstein, conseguimos confirmar a relação próxima de Smolianoff com a família Miassojedoff. Segundo informações do Prof. Eugen Zotow-Ivan Miassojedoff-Stiftunga, instituição sediada em Vaduz, no Principado de Liechtenstein, com objetivo de preservar a memória e obra de Ivan Miassojedoff, a partir de 1938 ele passou a viver em Vaduz sob o nome Eugen Zotow e na companhia de sua esposa Malvina Vernici, onde retomou a carreira de artista obtendo bastante

⁴ COSTA, 2017, p. 158.

prestígio.⁵ Ocorre que em um dos cartões de prisioneiro de Smolianoff consta no campo de parentesco uma suposta “irmã” cujo nome é “Malwina Vernici” e tendo como endereço Vaduz.⁶ Além dos registros dos processos criminais por falsificação de 1935 e 1936 de Smolianoff e Vernici apresentados por Malkin⁷ e os disponíveis nos arquivos do Landesarchiv Berlin apresentarem datas e endereços coincidentes. Ainda, o Prof. Eugen Zotow-Ivan Miassojedoff-Stiftunga localizou em seus arquivos correspondências enviadas por Smolianoff do Uruguai para Miassojedoff em Vaduz durante a década de 1950, bem como fotografias de Smolianoff na companhia da família Miassojedoff em Berlim durante a década de 1920.

A versão de da Costa apresenta mais dois fatos ignorados pela bibliografia sobre Smolianoff até então. O primeiro seria quanto à sua prisão e condenação na Holanda em 1928, após uma viagem para repassar e trocar dinheiro falsificado, sendo extraditado para a Suécia por volta de 1929, onde ficou preso até cerca de 1930 quando foi absolvido. Não conseguimos localizar registros sobre este período, mas, além de passagens no texto de da Costa em que Smolianoff aborda ter estado na Suécia durante sua juventude⁸, localizamos duas pinturas assinadas por Smolianoff que passaram por casas de leilão na Suécia, uma delas datada de 1930, bem como um desenho assinado por Smolianoff com data de 1931 pertencente à Prisão Central de Långholmen, em Estocolmo, retratando um de seus antigos diretores.⁹

O segundo fato trata-se de que, de acordo com Malkin, Smolinoff teria deixado o Uruguai na década de 1950 após ser descoberto falsificando ícones bizantinos. Entretanto não localizamos ligação entre a venda de imagens bizantinas falsificadas no Uruguai na década de 1950 com Smolianoff, não passando a relação de mera especulação. De acordo com a versão de da Costa, Smolianoff retomou a carreira de pintor no Uruguai obtendo bastante prestígio retratando importantes figuras da alta sociedade uruguaia. Seu abandono do Uruguai durante um momento de prestígio em sua carreira como pintor e o estabelecimento em Porto Alegre de maneira discreta decorreu da descoberta por parte da comunidade judaica local de sua participação na Operação Bernhard e o tratamento hostil que passou a receber após tal fato.

Corroborando a versão de da Costa, localizamos um exemplar da revista *Mundo Uruguayo* da década de 1950 trazendo reportagens exaltando as qualidades de Smolianoff como pintor instalado em Montevideu, além de retratos de sua autoria de membros da alta sociedade uruguaia, inclusive do compositor Eduardo Fabini (1882/1883-1950).¹⁰

Como artista, Smolianoff seguia a tradição do Impressionismo, que herdara de Miassojedoff, e pintava, principalmente, retratos e paisagens e cenas cotidianas da Rússia pré-revolucionária. Continuou a

⁵ HERRMANN, 1997.

⁶ Disponível em MALKIN, sítio na internet.

⁷ MALKIN, 2007, p. 171.

⁸ COSTA, 2007, p. 174.

⁹ COSTA, 2017, p. 63; 222-224.

¹⁰ COSTA, 2017, p. 152.

pintar até a década de 1970, quando foi acometido pelos estágios mais graves do Mal de Parkinson.¹¹ Sua última exposição individual em vida ocorreu em Porto Alegre, na Galeria Pancetti, em agosto de 1970.

Levando-se em conta que todos os demais novos dados apresentados pela narrativa de da Costa foram confirmados pelas fontes bibliográficas e documentais com os quais foram comparados, somos levados a considerar a veracidade da única informação sobre a qual não foram localizados registros que a confirmassem nem negassem, mas cuja narrativa tem aparência de verossimilhança. Tal alegação ainda não confirmada é a de que o objetivo que motivou a produção de dinheiro falso por Smolianoff e Miassojedoff foi seu emprego na retirada de famílias judias da União Soviética. Se tal fato for realmente verdade, em conjunto com a narrativa de da Costa e os depoimentos de pessoas que conheceram Smolianoff durante o período em que viveu em Porto Alegre, a imagem apresentada de Smolianoff como um mero vigarista acaba colocada em xeque.

Assim, concluímos nosso objetivo com esta pesquisa, que é apresentar Smolianoff como homem e artista que teve seu trabalho esquecido e silenciado devido ao racismo, à violência e repressão totalitarista durante a Segunda Guerra Mundial e depois pela indiferença da historiografia da arte brasileira no país que escolheu como lar no pós-guerra. Mas, principalmente, para incluí-lo não apenas nos registros históricos como o “Rei dos Falsários”, mas na História da Arte como o pintor acadêmico que era e que, ocasionalmente, usou suas habilidades para falsificação para garantir a própria sobrevivência e a de sua comunidade e sobreviver aos horrores do Holocausto.

¹¹ COSTA, 2017, p. 180.

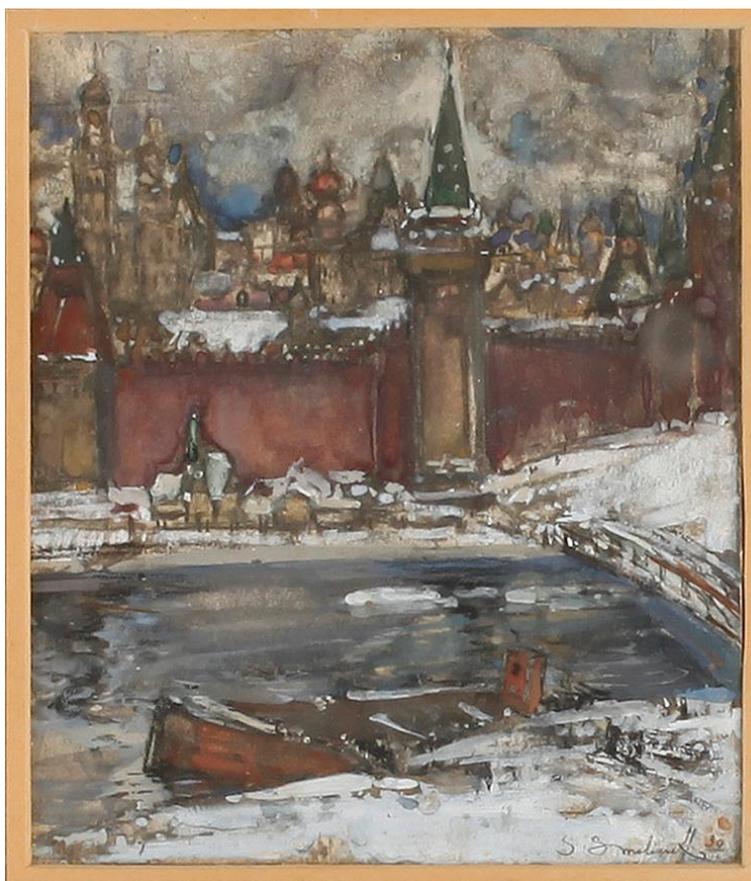


Figura 01- Salomon SMOLIANOFF (1897-1976). *Vista de Moscou, Kremlin*, 1930. Guache, 19 cm x 16,5 cm. Coleção particular, Suécia.



Figura 02 - Salomon SMOLIANOFF (1897-1976). *Retrato de Carl Ludvig Palm*, 1931. Desenho em pastel. 47 cm x 40 cm. Prisão Central de Långholmen, Estocolmo, Suécia.



Figura 03 - Sali SMOLIANOFF (1897-1976). Sem título, sem data. Guache sobre papel colado sobre cartão. 17 cm x 22 cm. Aquisição por doação de Charlotte Smolianoff e Anico Herskovits, 1989. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS. Fotografia: Fabio Dal Re e Carlos Stein – Vivafoto.



Figura 04 - Salomon Smolianoff (1897-1976) em sua última exposição individual em vida na Galeria Pancetti, Porto Alegre, em agosto de 1970.

Referências Bibliográficas

ALFORD, Kenneth D.; SAVAS, Theodore P.. *Nazi Millionaires: the allied search for hidden SS gold*. CASEMATE, 2007.

BURGER, Adolf. *The Devil's Workshop: a memoir of the nazi counterfeiting operation*. London: Frontline Books, 2009.

COSTA, Magaly Amaral da. COSTA, Rafael Machado [organização]. *Smolianoff: o cálice de um judeu*. Porto Alegre: Kaijuu Editora, 2017.

HERRMANN, Cornelia. *Ivan Miassojedow / Eugen Zotow 1881–1953: spuren eines exils*. Bern: Benteli Verlag, 1997.

MALKIN, Lawrence. *Lawewnce Malkin Homepage*. Disponível em: lawrencemalkin.com

MALKIN, Lawrence. *Os Falsários de Hitler*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

TAJES, Tabajara; RONEK, Antônio. *O Rei dos Falsários foge do passado*. In: O Cruzeiro, 3 de dezembro de 1960.